

**Chakrabarty, Dipesh (2023). *One Planet, Many Worlds. The Climate Parallax*.
Waltham (Mass.): Brandeis University Press. x+131 pp.**

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.6026>

João Ribeiro Mendes

Departamento de Filosofia, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho
Portugal
jcrmendes@elach.uminho.pt
ORCID: 0000-0003-3731-2246

Esta mais recente obra do reputado historiador indiano Dipesh Chakrabarty explora a relação entre a nossa espécie e o planeta no contexto das profundas transformações ecoclimáticas em curso, resultando, por isso, num valioso contributo para os Estudos do Antropoceno.

No breve prefácio do livro (pp. ix-x), o autor descreve as origens do mesmo, afirmando que resultou de uma série de palestras proferidas na Universidade Brandeis (Massachusetts, EUA). Ele pode ser perspectivado, segundo Chakrabarty, tanto como uma continuação do seu anterior trabalho *The Climate of History in a Planetary Age* (University of Chicago Press, 2021) quanto uma seqüela dele, porque inclui material novo. Há, contudo, uma diferença essencial entre ambos, assevera: o primeiro representa uma tentativa de “to work toward a new philosophical anthropology” (p. x), ao passo que este último “tries to understand the main problem that haunts the calendar of (in)action of climate politics: humans are politically not-one, while Earth System scientist (...) as one” (p. x).

O problema central desta obra é, pois, o do (planeta) uno e do (mundo) múltiplo, de como se podem compatibilizar as perspectivas antagónicas da Ciência do Sistema Terrestre, que encara a Terra como uma entidade singular, e dos projetos políticos, que concebem uma pluralidade de formas de habitá-la. Essa é a tensão essencial que Chakabarty examina criticamente no ensaio.

Na introdução, intitulada “The Planet and the Political” (pp. 1-18), discute o autor as implicações dessas visões contrastantes: aquela que a encara Terra como palco em que a Humanidade, moldada sobretudo por forças económicas e tecnológicas, sobressai *versus* aquela que a vê como um complexo Sistema bio-geo-químico do qual os seres humanos são apenas parte recente e não especial.

Com base nessa perspectiva dicotômica, Chakrabarty retoma a distinção analítica entre o “globo” e o “planeta”, que já havia proposto em ensaios anteriores, nomeadamente em *The Climate of History in a Planetary Age*, e mesmo ante,s na Palestra Tanner sobre Valores Humanos, “The Human Condition in the Anthropocene”, proferida na Universidade de Yale entre 18 a 19 de fevereiro de 2015 (v. o número 4 da *Anthropocena*, pp. 145-193). “Globo” refere, segundo o autor, o resultado das atividades humanas e da História, sobretudo a dos últimos cerca de quatro séculos, ao passo que “planeta” deve ser empregue para denotar o Sistema Terrestre *qua* entidade mais ampla que abrange processos físico-químicos, geológicos e biológicos, indiferentes à existência humana. Esta distinção é propedêutica de uma exploração, que o autor vai intentar no resto do ensaio, de como tais perspectivas antitéticas influenciam decisivamente a nossa compreensão da História, da política e da atual crise ambiental. Como ele afirma, mesmo a encerrar essa parte: “Grasping the analytical distinction between ‘the globe’ and ‘the planet’ may give us a handle on this historical experience of disorientation” (p. 17).

No capítulo 1, “The Pandemic and Our Sense of Time” (pp. 19-43), Chakrabarty examina a pandemia da COVID-19 como um acontecimento que alterou a nossa percepção do tempo. Ele liga a pandemia ao contexto mais amplo das alterações climáticas – “they both speak of Anthropocene times” (p. 19) –, sugerindo que ambas as crises desafiam a nossa compreensão convencional do tempo e da história. A pandemia, tal como as alterações climáticas, obriga-nos a enfrentar processos geológicos e evolutivos profundos, que se estendem para além do tempo de vida humano. Mais, acrescenta Chakrabarty, a pandemia contribuiu para revelar as limitações dos nossos modelos concetuais tradicionais ou vigentes de explicação histórica e a necessidade de incorporar uma perspectiva planetária que tenha em conta fatores não humanos e escalas de tempo mais longas. “It is up to us humans to find ways to scale the human realm back”, conclui o autor, “without losing sight of the questions that speak either to issues of intra-human injustice or to those of the inextricable entanglements of the human with the nonhuman, Latour’s figure of the Earthbound” (p. 43).

O capítulo seguinte, “The Historicity of Things, including Humans” (pp. 45-70) centra-se no exame da separação entre as histórias natural e humana. Chakrabarty explora as origens históricas desse dualismo fundante do pensamento moderno e inquire as suas implicações para a nossa compreensão das alterações climáticas. “At the heart of this sense of dismembering of time and space that the Anthropocene induces in its observers”, assevera, “is the fact of entanglement of human time with the deep time of geology” (p. 89). Isso significa, segundo ele, que o conceito moderno de História, focado em acontecimentos e experiências humanas, deve ser repensado à luz dos processos planetários que moldam o nosso mundo. Este capítulo desafia a visão

antropocêntrica da história e apela a uma abordagem mais integrada que considere o emaranhado de forças humanas e não humanas. Como assinala Chakrabarty, “collectively humans today constitute a thing-like entity” (p. 70). Porém, a ser assim, pergunta, “In what mode do we exist as a thing or a force? How do we write the history of that mode of being? Should there be a natural history of human modernity? But was not modernity founded on the distinction between the natural and the human?” (p. 70). E conclui: “This is the disorientation that any history of our present as part of the Anthropocene must negotiate” (p. 70).

O derradeiro capítulo, “Staying with the Present” (pp. 71-106) aborda a tensão entre a multiplicidade dos mundos humanos e a singularidade do planeta. Chakrabarty percorre os trabalhos antropológicos de Bruno Latour e de Eduardo Viveiros de Castro, em particular, para abordar como é possível diferentes culturas e visões de mundo entenderem diversamente o planeta. Segundo ele, a pluralidade de experiências e perspectivas humanas complica os esforços para enfrentar as alterações climáticas globais. Por outro lado, sendo essas alterações geoclimáticas “a multidimensional, wicked problem” (p. 105), dada a pluralidade de interesses humanos ser intrínseca à História humana, também “is not practically amenable to solutions that seem overwhelmingly total: overthrow capitalism or discard modernity” (p. 105). Ainda assim, Chakrabarty argumenta que esta diversidade é essencial para o desenvolvimento de uma resposta mais inclusiva e eficaz à crise, uma vez que “the project of the Moderns cannot unite humanity anymore” (p. 89). O capítulo termina com uma reflexão sobre os desafios políticos das alterações climáticas, enfatizando a necessidade de conciliar a multiplicidade dos mundos humanos com a unidade do sistema planetário – “The political is founded on human phenomenology and thus on disagreement. It assumes humanity to be a pluriverse. (...) And yet the intrusion into the human-everyday of a unitary Earth system makes this plurality itself an urgent political issue” (p. 102).

Um Planeta, Muitos Mundos é um trabalho profundo e desafiador que ultrapassa os limites de como pensamos sobre as mudanças climáticas, a história e a política. A distinção de Chakrabarty entre o globo e o planeta é particularmente perspicaz, oferecendo uma nova estrutura para a compreensão das complexidades do Antropoceno. A sua análise da pandemia como um momento que perturba a nossa noção do tempo é oportuna e instigante, destacando a interligação das crises globais.

No entanto, a densa abordagem teórica do livro pode ser um desafio para leitores não familiarizados com os conceitos filosóficos e científicos com os quais Chakrabarty se envolve. A natureza abstrata de alguns argumentos, particularmente na discussão do tempo profundo e da historicidade de entidades não humanas, pode exigir uma leitura cuidadosa e repetida para ser totalmente compreendida.

Além disso, embora Chakrabarty critique eficazmente as limitações da história antropocêntrica, o livro poderia explorar ainda mais as implicações práticas para a política e ação climática. O foco na análise filosófica e teórica deixa por vezes o leitor a perguntar-se como é que estas ideias se traduzem em estratégias concretas para enfrentar a crise climática.

Concluindo, *Um Planeta, Muitos Mundos* é uma contribuição essencial para o diálogo contínuo sobre as alterações climáticas e o Antropoceno. O trabalho de Chakrabarty desafia-nos a repensar a nossa relação com o planeta e oferece uma visão convincente de como podemos navegar nos mundos complexos e interligados que habitamos.